



## PERCURSOS ENTRE BRASIL E SUÉCIA: BREVES NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE, GÊNERO E RELIGIÃO

ROUTES BETWEEN BRAZIL AND SWEDEN: BRIEF ETHNOGRAPHIC NOTES ON  
HOMOSEXUALITY, GENDER AND RELIGION

Tatiani Müller Kohls\*

**Resumo:** O desenvolvimento dessa pesquisa faz parte da minha dissertação de mestrado em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), intitulada: Uma perspectiva etnográfica da discussão sobre a homossexualidade no contexto da IECLB. Esse artigo, através de uma abordagem antropológica e de gênero, busca transitar pela experiência e narrativa da autora na perspectiva de identificar e compreender os temas sobre homossexualidade e gênero no campo religioso luterano. A partir de teóricas feministas, relaciono experiências pessoais à formação de consciência feminista e crítica. Compartilho minha trajetória pessoal e acadêmica, incluindo uma experiência em um intercâmbio na Suécia, onde observei uma abordagem mais igualitária e inclusiva, em relação à homossexualidade, na Igreja Luterana da Suécia, bem como o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Essa vivência reforçou meu interesse em discutir igualdade de gênero e diversidade no contexto religioso. Conclui-se destacando a relevância de questionar e transformar posicionamentos religiosos normativos em relação à sexualidade e gênero.

**Palavras-chave:** Homossexualidade. Gênero. Brasil. Suécia. Feminismo.

**Abstract:** The development of this research is part of my master's thesis in Anthropology at the Graduate Program in Anthropology (PPGAnt), at the Federal University of Pelotas (UFPel), entitled: An ethnographic perspective of the discussion on homosexuality in the context of the IECLB. This article, through an anthropological and gender approach, seeks to transit through the author's experience and narrative from the perspective of identifying and understanding the themes of homosexuality and gender in the Lutheran religious field. From feminist theorists, I relate personal experiences to the formation of feminist and critical consciousness. I share my personal and academic background, including an exchange experience in Sweden, where I observed a more egalitarian and inclusive approach to homosexuality in the Lutheran Church of Sweden, as well as same-sex marriage. This experience reinforced my interest in discussing gender equality and diversity in the religious context. It concludes by highlighting the relevance

\* Graduada em Ciências Sociais – licenciatura, Mestre em Antropologia, Mestre e Doutora em Educação: Universidade Federal de Pelotas. E-mail: tatianimuller@gmail.com



of questioning and transforming normative religious positions in relation to sexuality and gender.

**Keywords:** Homosexuality. Gender. Brazil. Sweden.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS – PERCURSOS ENTRE BRASIL E SUÉCIA

Pego-me pensando o porquê dessa temática e de onde vem essa inspiração. Quando Naomi<sup>1</sup> olha em meus olhos e diz que estou completamente inspirada por algo que vivi, concordo e reflito... o que me inspira? E então percebo que essa pesquisa diz também sobre o lugar de onde vim e sobre os lugares por onde passei. Diz sobre as pessoas que encontrei por esses caminhos. Diz sobre momentos de rupturas e, ainda, sobre querer abrir as asas e me libertar das amarras que me prendiam. Mas o que são essas amarras? Para mim, são as formas impostas pela sociedade ou sistema, são os modelos que nos são impostos, são os velhos discursos reproduzidos, é a forma imposta de como devemos nos vestir, pensar, amar. Vendem a felicidade, encaixotam os sentimentos e dizem que é isso, e por incrível que pareça, acreditamos. Libertar-me das amarras nesse momento, significa penetrar em discussões um tanto delicadas. Significa trazer reflexões acerca de um tema ainda pouco discutido dentro do campo antropológico.

Para ir aos poucos penetrando nessa discussão, preciso e sinto a necessidade de contextualizar meu interesse nessa pesquisa a partir das minhas próprias experiências. O fato, ou a necessidade, de dizer ou querer falar do lugar de onde venho vai ao encontro daquilo que bell hooks<sup>2</sup> salienta, ao mostrar que sua luta feminista está atravessada por sua própria história de vida. É a partir da vivência em um grupo oprimido, explorado e ainda diante da discriminação sexista, que a autora molda sua consciência feminista. Butler<sup>3</sup> também nos fala sobre a constituição dessa consciência feminista, através do conceito de sujeito feminista, que se molda por meio das exclusões entre as relações de poder, as práticas e os discursos, salientando uma visão crítica dentro da teoria feminista a partir do “eu” e das significações que nos constituem enquanto sujeitos.

<sup>1</sup> Nome fictício, adotado para preservar a identidade da Pastora.

<sup>2</sup> bell hooks. "Mujeres Negras: Dar forma a la teoría feminista". In: **Otras inapropiables**. Madrid: Editorial Traficantes de Sueños, 2004.

<sup>3</sup> BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, 1998.



Adrienne Rich<sup>4</sup>, poeta feminista, tem-se posicionado politicamente através de seus poemas, que se baseiam em sua própria história de vida. Levantando questões acerca das mulheres na contemporaneidade, a poeta utiliza-se de sua “[...] experiência pessoal para analisar a condição das mulheres na sociedade”<sup>5</sup>. Ao fazer essa ligação entre arte e política, Rich ainda tenta “[...] abordar em sua escrita as mais variadas questões que afligem os seres humanos na tentativa de tornar visíveis as opressões presentes nas relações sociais”<sup>6</sup>. Donna Haraway<sup>7</sup> também traz contribuições acerca do feminismo e do ativismo dentro do saber científico. Ela aponta para a visão crítica da produção do conhecimento. Essa discussão, sobre a relevância de se relatar as experiências de vidas, tem sido bem acolhida dentro do ponto de vista teórico feminista. De acordo com Costa:

É através de uma política do lugar (e, conseqüentemente, uma política do posicionamento do sujeito) que as teorias feministas têm historicamente inscrito sua presença nos debates contemporâneos sobre fronteiras (geográficas, epistemológicas, sociais, econômicas, libidinosas, institucionais, linguísticas e culturais), enquanto transgredem as discussões referentes à construção/desconstrução do sujeito.<sup>8</sup>

Ao introduzir aqui minhas experiências, busco mostrar como esta discussão sobre homossexualidade e o ativismo feminista também tem atravessado minha própria história de vida. Há aqui claramente um ativismo e uma luta política que não posso omitir. E essa pesquisa também foi tomando forma a partir das diversas experiências vividas.

Ao me apresentar, sempre tenho a necessidade de dizer que venho de uma família de agricultores/as, do 7º distrito de Pelotas, do Estado do Rio Grande do Sul. Talvez essa seja uma necessidade, pois representa outros modos de vida, creio que bem mais conservadores dos que eu tenho vivido no meio urbano. Aqui, falar sobre diversidade sexual ou questionar a dominação masculina, é ainda um tabu a ser quebrado. Quando digo que esse é o lugar de onde venho, digo também que por trás disso existe todo um sistema de representações e crenças. Essa representação social

<sup>4</sup> RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, [S.l.], n. 5, 2010.

<sup>5</sup> LEÃO, Juraci Andrade de Oliveira. **Escrita, corpo e ação: a poética e a política de Adrienne Rich**. 2007. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. p. 16.

<sup>6</sup> LEÃO, 2007, p. 10.

<sup>7</sup> HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, 1995.

<sup>8</sup> COSTA, Cláudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 19, 2002. p. 90.



refere-se à forma como nós construímos e assimilamos o conhecimento, a experiência cotidiana e as informações do nosso contexto, e ainda, sobre a forma como recebemos e transmitimos essas informações e conhecimentos na vida social. Nessa localidade onde cresci, a questão religiosa é um fator importante na vida das pessoas. Todas/os pertencem a alguma instituição religiosa. Assim, o envolvimento da minha família dentro de uma comunidade da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) fez com que tivesse uma educação cristã. Sempre fui ativa na paróquia, principalmente no grupo de juventude (JE – Juventude Evangélica), o que me proporcionou a oportunidade de representar a IECLB em um intercâmbio de jovens.

Em 2012 participei do programa de intercâmbio *International Youth Exchange Programme – Young In The World Wide Church*<sup>9</sup>, promovido pela Igreja da Suécia. O programa acontece desde 2008, em parceria com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Luterana da Costa Rica, Igreja Independente das Filipinas e Igreja Luterana da Tanzânia. Durante o período de março a maio de 2012, se desenvolveu a integração desses jovens com a sociedade e a Igreja da Suécia, possibilitando-nos essa experiência de troca cultural e religiosa. Eram 4 jovens representando o Brasil, 4 jovens das Filipinas, 4 jovens da Tanzânia e 2 jovens da Costa Rica. A Igreja da Suécia – *Svenska Kyrkan* – é uma Igreja Luterana, que aderiu à reforma protestante em 1527, sendo ela a religião oficial do país, vinculada ao Estado até o ano de 2000. Como a Igreja pertencia ao Estado, ela deveria chamar-se Igreja da Suécia. Hoje, mesmo o país não possuindo uma religião oficial, a Igreja Luterana mantém esse nome – Igreja da Suécia – por tradição, sendo que cerca de 86% da população pertence a esta instituição religiosa.

Essa vivência com outros modos de vidas, em outro contexto cultural e religioso, fez-me ver a importância de conhecer o “outro”. Esse processo de “estranhamento” faz parte do fazer antropológico, no qual tomamos a cultura como objeto de nossas indagações<sup>10</sup>. Essa diversidade humana e cultural fez alargar minha própria visão de mundo, como exemplifica Malinowski, ao dizer que ao “captar a visão de mundo dos outros com reverência e verdadeira compreensão [...] estamos contribuindo para alargar

<sup>9</sup> Tradução livre: Programa de Intercâmbio Internacional de Jovens – Jovens na Igreja Mundial.

<sup>10</sup> CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o pensamento antropológico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.



nossa própria visão”<sup>11</sup>, e que esse seria um dos objetivos da Antropologia. A experiência antropológica visa também esse “[...] contato sensível com o mundo a ser compreendido”<sup>12</sup>. Interagindo com essa rede de diversidade cultural, imersa nessas relações subjetivas e sensíveis, percebo a importância da experiência no fazer antropológico, pois é através dela que o texto etnográfico se constrói.

Ao chegar na Suécia, fomos recebidas/os na cidade de *Sigtuna*<sup>13</sup>, situada próxima à capital Estocolmo, para uma semana de rodas de conversas e atividades voltadas para nosso conhecimento sobre a cultura e Igreja da Suécia. Nesse momento compartilhamos também nossas vivências e a cultura do nosso país de origem e a igreja a qual representávamos. Além disso, tivemos ainda aulas introdutórias da língua sueca para assim termos mais facilidade e maior inserção dentro da sociedade. Após essa primeira semana em *Sigtuna*, fomos morar em casas de famílias que haviam se inscrito no programa para nos receberem. A maioria das/os participantes ficou morando em dupla, com uma/um outra/o companheira/o de seu próprio país. Fui morar em uma cidade bem ao norte da Suécia, *Luleå*<sup>14</sup>, na qual residi na casa de duas famílias. Depois de quase quatro semanas, retornamos a *Sigtuna*, para compartilhar as experiências vividas até então e para mais orientações e discussões. Após esse período, fomos novamente morar com outras famílias. Fui então para a cidade de *Linköping*<sup>15</sup> mais ao sul do país. Lá, eu e a outra menina brasileira, minha dupla de moradia, convivemos com quatro famílias, morando em torno de uma semana em cada casa. Após esse período, retornamos novamente a *Sigtuna*, para mais uma semana de compartilhamentos e finalização do programa de intercâmbio. No final dos três meses do programa, a proposta era que pudéssemos apresentar algo que havíamos aprendido sobre o país e a igreja, dentro do tema dos direitos humanos e com subtemas específicos. Naquele momento, escolhi o subtema do respeito e prática de outras religiões na Suécia, principalmente as

<sup>11</sup> MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976. p. 374.

<sup>12</sup> CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. p. 36.

<sup>13</sup> *Sigtuna* é uma antiga cidade medieval, fundada em 980, às margens do lago *Mälaren*, do qual podíamos andar em cima, pois se encontrava completamente congelado.

<sup>14</sup> *Luleå* é uma cidade portuária, localizada na região da Lapônia. No período em que estive lá, frequentei a paróquia de *Gammelstad*.

<sup>15</sup> Em *Linköping*, vivi na localidade de *Vikingstad*. *Viking*, prefixo da civilização Escandinávia; *Stad*, lugar.



religiões mulçumanas, que crescem no país com a vinda de imigrantes. Fomos então orientadas/os sobre como fazer esse trabalho.

Ao abordar os relatos de viagens como textos percursos da etnografia, Leite apresenta a antropologia da viagem, considerando que autoras/es “produziram suas obras em decorrência das viagens, através de suas descrições, buscando transmitir informações que só poderiam ser obtidas pela experiência da viagem”<sup>16</sup>, sendo que esse relato só se tornou possível através da experiência da viagem. Uma característica muito antiga sobre os relatos de viagem são as anotações em diários, constituindo um estilo de produção e descrição sobre a/o outra/o, “[...] descrevendo fatos e transmitindo impressões sobre lugares, povos e culturas diferentes”<sup>17</sup>, contendo as narrativas e experiências vividas, mantendo vivos os relatos e as informações obtidas.

Para o viajante, a viagem não é uma continuação de sua vida. É um momento distinto, marcado pelo antes e pelo depois. Constitui, sobretudo, um estágio ‘especial’ de sua existência, onde se permite sair de sua condição de cidadão, para entrar na condição de estrangeiro. Ao sair de seu cotidiano, de sua cultura, de sua língua, de seu referencial de identidade máxima, entra num outro tipo de existência – a do outro. E o tempo aí, no espaço do ‘outro’, não é o tempo de seu cotidiano, mas sim o ‘tempo em viagem’, escorregando por formas múltiplas de ser parte do mundo vivido e ao mesmo tempo representado. Tudo podendo ser parte de sua existência enquanto viajante: o almejado, o permitido e o possível. É nesse ‘estado de viagem’ que se descola e se define o tempo na narrativa.<sup>18</sup>

Foi nesse “estado de viagem”, nessa experiência vivida fora do meu cotidiano e no contato com outra cultura que me deparei com temas e situações que me despertaram a curiosidade e o interesse, não só para o registro em diários, mas também para a pesquisa acadêmica. Buscando privilegiar a narrativa do novo, a partir de um interesse pessoal e transformada pela experiência vivida, foco-me em entender o tema da homossexualidade dentro da Igreja da Suécia, bem como, voltando meu olhar também para minha própria comunidade e o grupo religioso do qual faço parte. Meu interesse, parte então, das observações sobre a igualdade de gênero na Suécia país e a naturalidade com que era abordado o tema da homossexualidade na igreja, principalmente em conversas mais descontraídas com as/os jovens. A Suécia é considerada um dos países mais igualitários do mundo e se tornou um dos primeiros países a aprovar a união civil homoafetiva em 1994, e o casamento religioso homoafetivo

<sup>16</sup> LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da Viagem**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996. p. 80.

<sup>17</sup> LEITE, 1996, p. 81.

<sup>18</sup> LEITE, 1996, p. 87.



em 2009, sendo a Igreja da Suécia uma das primeiras igrejas do mundo a permitir o casamento entre pessoas do mesmo sexo<sup>19</sup>. Segundo a entrevista que realizei com uma pastora da Igreja da Suécia, ela diz que a decisão sobre casamento religioso homoafetivo foi tomada baseando-se na interpretação bíblica de que Deus apoia o amor no mundo, independente do sexo do casal. E a ordenação<sup>20</sup> de pastoras/es homossexuais também foi aprovada pela Igreja da Suécia em 2009.

Querer discutir tais assuntos, não só em relação à homossexualidade, mas também sobre igualdade de gênero, diversidade e preconceito no campo religioso já me rondava há algum tempo. A experiência de viagem só fez reforçar meu interesse em tais assuntos. Em 2010, na Semana Acadêmica do Curso das Ciências Sociais da UFPel, uma das mesas de debate era sobre homossexualidade, contando com a presença do teólogo e pesquisador André Musskopf, professor, na época, da Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo, que apresentou em sua fala questões sobre a homossexualidade e religião no contexto da IECLB, o que me sensibilizou a querer discutir tais questões no grupo de jovens em que atuava. Ao conversar com o pastor da comunidade da qual eu fazia parte, para saber o que ele achava de discutirmos as temáticas de preconceito e homofobia, e pensando que teria total apoio, ele me disse que eu não poderia falar sobre homossexualidade na igreja. Disse que quem tinha “isso” era doente e necessitava ser curado e que ao falar “disso” para a comunidade, principalmente para as/os jovens, eu poderia incentivá-los a essa “prática”.

Esse discurso religioso e de fundo médico sobre uma “cura gay” tem correlação com o determinismo biológico. A sexualidade não é determinada pela biologia e aqui precisamos deixar clara a distinção entre sexo e gênero. De acordo com Nicholson: [...] o “gênero” foi desenvolvido e é sempre usado em oposição a “sexo”, para descrever o que é socialmente construído, em oposição ao que é biologicamente dado<sup>21</sup>. Scott também apresenta o termo gênero como uma “rejeição do determinismo biológico”,

---

<sup>19</sup> Diário de viagem, 2012. Para mais informações acesse o site da Igreja da Suécia, disponível em: <https://www.svenskakyrkan.se/samkonade-aktenskap>. Acesso em: 27 maio 2016.

<sup>20</sup> A palavra ordenação, segundo Musskopf, se refere ao rito que demarca a passagem do indivíduo para outra esfera, nesse caso diz respeito ao/a teólogo/a, que, sendo ordenado/a, pode atuar como pastor/a na Igreja. MUSSKOPF, André S. **Talar Rosa** – Um estudo didático-histórico-sistemático sobre a Ordenação ao Ministério Eclesiástico e o exercício do Ministério Ordenado por Homossexuais. 2004. 200 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2004. p. 15.

<sup>21</sup> NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-42, 2000. p. 09.



estando relacionado com a “organização social da relação entre os sexos” e as “construções culturais [...] sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”<sup>22</sup>. Para Scott, gênero é “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”<sup>23</sup>. Diante desses aspectos, surgem as reflexões sobre o conceito de gênero, que segundo Nicholson “[...] tem suas raízes na junção de duas ideias do pensamento ocidental moderno: a base material da identidade e a construção social do caráter humano”<sup>24</sup>.

O conceito de homossexualidade utilizado para essa discussão se baseia no que Fry e Macrae propõem: que a homossexualidade deve ser compreendida dentro de termos sociais, políticos e culturais, não a partir de bases médicas e psicológicas. De acordo com os autores, a homossexualidade pode ter um entendimento diferente nos “[...] diversos segmentos sociais da sociedade brasileira contemporânea”<sup>25</sup>, variando também de sociedade para sociedade e ainda de época para época. Dentre esses diversos segmentos propostos por Fry e Macrae, muitas/os entendem a homossexualidade, partindo apenas do ponto de vista biológico, não levando em conta as bases sociais e políticas. Assim, aqueles que acreditam que a sexualidade é determinada biologicamente, podem vir também a defender uma conversão, ou uma suposta “cura” da homossexualidade.

Em uma breve passagem por Foucault, o autor nos fala sobre esse corpo marcado simbolicamente, condenado e exposto a uma “cura”: “Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”<sup>26</sup>. Essas condutas deliberadas culturalmente sobre os corpos, impondo não somente técnicas de comportamentos, mas também impondo a forma de relacionamentos e afetividades, oprimem aquelas/es que se opõem a tais preceitos, como nos aponta Miskolci, dizendo que:

[...] saberes e práticas se uniam em busca da ‘cura’ ou reabilitação desses indivíduos. Dominava a percepção de que a homossexualidade era a prova visível de uma natureza sexual degenerada. Ainda que se criassem tratamentos ou formas de ‘reeducação’, prevalecia a crença de que aqueles indivíduos não

<sup>22</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. p. 75.

<sup>23</sup> SCOTT, 1995, p. 15.

<sup>24</sup> NICHOLSON, 2000, p. 10.

<sup>25</sup> FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1995. p. 07.

<sup>26</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 118.





tinham solução e, como degenerados, só podiam suscitar pena diante do destino que os esperava.<sup>27</sup>

Sobre esse corpo marcado, tanto pela discriminação social, como também por princípios religiosos, Musskopf nos deixa claro o quanto essa “marca” sobre o corpo homossexual na atualidade, pode gerar a exclusão desse grupo: “O medo de ser identificado com essa marca gera silêncio e invisibilidade que impedem pessoas homossexuais de assumir a sua identidade e viver integralmente como cidadãs nas diferentes esferas da vida humana, inclusive no âmbito de suas comunidades religiosas”<sup>28</sup>. Desse modo, percebemos a violência que uma instituição religiosa pode causar às pessoas que não estão dentro de suas normas, submetendo-as a um modelo de vida – heterossexual – e fazendo com que muitas vezes se sintam como criminosas/os, por não estarem dentro do “padrão” estabelecido.

Assim, notamos o quanto as instituições sociais e religiosas acabam por impor regras e modelar nossos corpos por aquilo que entendem como mulheres ou homens, e discriminar aquelas/es que não se encaixam no padrão heteronormativo. Ao voltar meu olhar para mim mesma, enquanto uma pessoa pertencente a um grupo religioso e a uma comunidade na qual seu pastor pensa e instrui as pessoas para que não falem sobre homossexualidade e que acredita em uma suposta “cura gay”, minha reação foi ficar calada. Não porque concordasse com aquela posição, mas porque até então eu não possuía elementos palpáveis que pudessem me fazer entrar em uma discussão tão profunda e ainda cheia de tabus no campo religioso. Pelo menos, dentro da minha experiência de vida em uma comunidade religiosa, sempre tive a sensação de que aquilo que é exposto pela/o pastora/or é quase que uma “lei”, tendo-se a figura desse sujeito como o “possuidor” da verdade, sem poder contestar a palavra dita. Talvez essa ideia de não poder contestar, tendo diante de mim uma figura masculina (nesse caso), representando o saber divino, e eu, uma mulher, adolescente na época, me fez ficar calada, pois simbolicamente essas representações estão tão intrínsecas em nós, que diante de uma situação contrária ao que pensamos e ao que defendemos, não conseguimos nem ao menos revidar.

---

<sup>27</sup> MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, p. 101-128, 2007. p. 106.

<sup>28</sup> MUSSKOPF, 2004, p. 10.



Não falar sobre a homossexualidade no contexto religioso é, nas palavras de Deifelt, “ignorar que há homens gays e mulheres lésbicas dentro do espaço das igrejas, assim como há na sociedade. É a típica postura do ‘não se ouve, não se vê e não se fala’”<sup>29</sup>. Tal postura pode contribuir não somente com o afastamento daquelas/es que vivenciam outras formas de afetividades, como também impedir que homossexuais assumam sua real identidade. Esse episódio também me faz refletir sobre a representação das mulheres no espaço religioso, pois a figura da mulher como submissa é produzida e reproduzida em nossa sociedade e também no âmbito religioso: “A representação sócio cultural da mulher sofredora, resignada e submissa, é ressaltada pela tradição cristã, e frequentemente evocada por lideranças religiosas e por religiosos ordinários, os fiéis e, principalmente, as fiéis”<sup>30</sup>. Nessa perspectiva, muitas vezes assumimos essa postura diante de situações que nos foram assim representadas, de forma hierarquizada, na qual a religião é uma das responsáveis por essa produção, como afirma Souza:

A religião é uma das responsáveis pela produção e reprodução dessa hierarquia dos sexos, sacralizando papéis socioculturalmente construídos. A religião, no campo da construção simbólica, tem cumprido a função social de constituição do feminino e do masculino, e é uma das grandes responsáveis pela inferiorização e secundarização das mulheres em nossa sociedade. A partir de um discurso misógino, a religião não apenas produz ou reproduz a violência de gênero, mas a sacraliza. O discurso religioso, para o/a fiel, tem status de coisa sagrada. [...] Dessa forma, o discurso religioso perde a sua condição de coisa construída e é entendido como verdade sagrada.<sup>31</sup>

Essa questão da secundarização e inferiorização da mulher, muitas vezes ressaltada através de passagens bíblicas, como a da criação do mundo, narrada e interpretada por muitas/os como a criação da mulher ser “para” o outro, nesse caso, o homem, acaba por constituir a mulher enquanto tal:

Uma representação acumula recursos materiais e simbólicos. Apesar das mudanças, as representações sociais de mulheres e homens em nossa sociedade ainda hoje são informadas por uma simbologia que secundariza a mulher. Essa ideologia de gênero teima em afirmar a mulher como um ser ‘para’ os outros, isto é, a mulher se constitui heteronormamente enquanto tal, devendo servir ao outro e viver para o outro. O não cumprimento deste ‘princípio’ (ou lei

<sup>29</sup> DEIFELT, Wanda. Os tortuosos caminhos de Deus: Igreja e homossexualidade. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 39, n. 1, p. 36-48, 1999. p. 44.

<sup>30</sup> SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles (org.). **A casa, as mulheres e a Igreja: gênero e religião no contexto familiar**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 08.

<sup>31</sup> SOUZA, Sandra Duarte de. A casa, as mulheres e a igreja: violência doméstica e cristianismo. *In*: SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles (org.). **A casa, as mulheres e a Igreja: gênero e religião no contexto familiar**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 53.



natural) gera processos como sua culpabilização pela sociedade e também por si mesma.<sup>32</sup>

Nesse sentido, sobre as representações e simbologias que colocam a mulher como um ser secundário, uma situação que me chamou atenção na Suécia foi a forma como o mito bíblico da criação humana foi narrado. Ao se pensar nas narrativas bíblicas sobre a criação do mundo e da origem da mulher e do homem, estamos acostumados a ouvir que Deus criou primeiro o homem e depois a mulher, e assim o homem seria mais importante do que a mulher, pois esta seria um ser secundário. E foi a partir dessa descrição sobre a origem da mulher e do homem, que se travou uma discussão durante um almoço com as/os jovens que participavam do programa de intercâmbio na Suécia em 2012, na cidade de *Sigtuna*, e uma outra interpretação bíblica foi então me apresentada.

Durante o almoço um rapaz brasileiro e um rapaz da Costa Rica conversavam sobre algo, quando o rapaz da Costa Rica diz: “Mas Deus fez primeiro o homem e depois a mulher, por isso nós somos mais importantes”. Após essa fala, uma pastora que estava sentada a nossa frente e trabalhava no programa como tradutora de línguas (inglês-espanhol), rapidamente bateu na mesa e disse: “Não!”. Nesse momento pegou sua bolsa e retirou a Bíblia e começou a falar: Vocês estão errados, pois aqui na Bíblia (mostrando a Bíblia para nós) está escrito o seguinte: Deus criou o ser humano para cuidar do mundo que havia criado, depois criou outro ser humano, com algumas diferenças e a este chamou de mulher e olhando para o primeiro ser que havia criado, resolveu o chamar de homem. Então o homem só se tornou homem pelo fato da mulher ter sido criada e ter levado este nome, se não fosse assim, o homem não existiria. O homem só é homem pelo fato da mulher existir e desta forma ele não é superior ou mais importante que a mulher.

Lembro que a pastora foi muito enfática em sua fala e com as mãos demonstrava a mulher e o homem, colocando a mão que representava a mulher sempre um pouco acima da mão que representava o homem, me dando exatamente essa impressão: o homem saindo da mulher, como uma mulher que gera uma criança, podendo ser a criança do sexo feminino ou masculino. Diante desta narrativa, temos uma interpretação do mito bíblico da criação, onde a pastora faz referência primeiramente a um ser neutro, colocado em sua fala como o ser humano, sem definição de sexo e sem hierarquia entre

---

<sup>32</sup> SOUZA, 2009, p. 31-32.



estes, na qual homem e mulher são idênticos ou “[...] partilham da mesma substancialidade – são humanos”<sup>33</sup>, mas que em um segundo momento seriam distintos. Sobre essa hierarquização entre homem e mulher no contexto religioso, Souza, ressalta que:

Vários teólogos cristãos, influenciados por esse contexto e pela filosofia clássica, afirmaram as mulheres como naturalmente inferiores aos homens, argumentando a partir de bases teológicas uma superioridade divina dos homens em relação às mulheres, logo, legitimando a dominação do masculino sobre o feminino. Criou-se o que poderíamos chamar de uma verdadeira teologia da inferioridade feminina e da superioridade masculina, que percorrerá séculos de nossa história.<sup>34</sup>

Fazendo uma comparação da forma como sempre ouvi esse texto ser contado, onde a mulher era colocada em uma posição inferior ao homem e a narrativa tão enfatizada pela pastora da Igreja da Suécia, mostrando a importância da mulher dentro desse grupo religioso, penso sobre o poder do significado atribuído à interpretação das passagens bíblicas e sua utilização como um modelo para o comportamento e a sexualidade humana. As narrativas bíblicas possuem esse poder dentro do grupo que as utiliza, mostrando a origem daquelas normas sociais e fornecendo modelos de comportamentos, que vamos produzindo e reproduzindo. Percebo também, que elas podem ser reinterpretadas e reformuladas, para assim dar ênfase naquilo que se quer passar ao outro. Visto que os grupos religiosos também vão passando por mudanças socioculturais e se transformam, aderindo a novas posições e ideologias, que redundam em novas teologias.

As questões abordadas aqui, são de fato, para mostrar meu percurso por esse “entre-lugares”<sup>35</sup> de contextos culturais e religiosos, apresentei assim, os caminhos percorridos, as trocas e experiências subjetivas e as rupturas que me fizeram questionar posicionamentos religiosos que normatizam as relações e comportamentos humanos, abordando essa discussão em torno da homossexualidade e do gênero.

<sup>33</sup> HEILBORN, Maria Luiza. Gênero e hierarquia: A costela de Adão revisitada. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 1, p. 50-82, 1993. p. 55.

<sup>34</sup> SOUZA, 2009, p. 53.

<sup>35</sup> BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 20. “De que modo se formam sujeitos nos ‘entre-lugares’, nos excedentes da soma das ‘partes’ da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero etc.).”



**“Eu não acredito que as coisas que aumentam a quantidade de amor no mundo sejam ruins”<sup>36</sup>**

Creio que não posso seguir a escrita desse texto sem falar um pouco do casamento entre pessoas do mesmo sexo<sup>37</sup> na Igreja Luterana da Suécia<sup>38</sup>. Aqui, pretendo desenvolver um pouco sobre como se deu esse processo e o posicionamento de pastoras da Igreja da Suécia, bem como pessoas ligadas a essa instituição. É nesse contexto, diante de uma experiência de troca, tendo a oportunidade de conhecer outra instituição luterana que eu direcionei meu olhar sobre a minha própria cultura. Questiono, assim, os posicionamentos adotados pela IECLB e reflito sobre como as religiões impõem normas sobre a sexualidade, sobre como devemos nos portar e a forma de relacionamentos que devemos “seguir”, tudo isso baseado em suas representações e crenças.

Ao me deparar com outros valores religiosos, como o casamento homoafetivo realizado pela Igreja da Suécia, baseado na interpretação bíblica de que Deus apoia o amor no mundo e utilizando uma abordagem teológica de igualdade para tratar as discussões de gênero e homossexualidade, busco compreender um pouco desse processo e de como se deu a aceitação da própria comunidade religiosa frente a essa decisão. Realizei algumas entrevistas, via redes sociais, em janeiro e fevereiro de 2013, para o trabalho de conclusão da disciplina de Estudos Antropológicos de Gênero e Teoria Feminista, ofertada pelo curso de graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, procurando aprofundar meus conhecimentos sobre esse processo. As entrevistas foram realizadas de forma escrita, em língua inglesa e traduzidas por mim. Buscando preservar a identidade das/dos minhas/meus interlocutoras/res, utilizarei nomes fictícios ao apresentar suas falas. As falas de minhas/meus interlocutoras/es serão apresentadas no texto em recurso itálico, como forma de destaque.

Retornando a questão da união de pessoas do mesmo sexo na Suécia, uma pastora, da qual irei me referir pelo nome de Astrid, me diz que a Igreja da Suécia vem

---

<sup>36</sup> Frase dita por uma pastora da Igreja da Suécia, em 2013, sob o pseudônimo de Astrid.

<sup>37</sup> Usarei o termo união ou casamento entre pessoas do mesmo sexo como sinônimo de casamento ou união homoafetiva, porém a nomenclatura “união ou casamento entre pessoas do mesmo sexo” foi usada pelas minhas interlocutoras suecas.

<sup>38</sup> Mais informações sobre a decisão da união de pessoas do mesmo sexo na Igreja da Suécia podem ser encontradas no site oficial da igreja, disponível em: <https://www.svenskakyrkan.se/churchofsweden/information-about-same-sex-marriages>. Acesso em: 11 nov. 2015.



discutindo a questão da homossexualidade desde a década de 70, por isso ela não considera que a aceitação do casamento homoafetivo tenha sido precipitada:

*“Em 2009 a Igreja da Suécia tomou a decisão que ambos os casais, de sexos diferentes e do mesmo sexo poderiam se casar na Igreja. Essa decisão foi tomada depois de uma longa discussão e de muitas pesquisas feitas [...]. Havia definitivamente muitos argumentos e alguns conflitos dentro da Igreja antes da decisão. Houve até pessoas que abandonaram a Igreja por causa dessa decisão. Mas para a Igreja da Suécia, a decisão de permitir que casais do mesmo sexo se casassem era muito importante. Nós (porque eu concordo com isso) acreditamos que todo bom e verdadeiro amor, em última análise vem de Deus, e que esse amor existe em casais tanto de sexos diferentes como do mesmo sexo - é o mesmo tipo de amor. [...] Portanto, o sexo/gênero do casal é irrelevante. [...] E Jesus nunca falou sobre a homossexualidade, nem de uma forma positiva ou negativa. Para mim, não é nada estranho que a Igreja da Suécia tenha decidido casar casais do mesmo sexo. Acredito plenamente que Deus apoia o amor no mundo e não faz diferença entre as pessoas que amam uma pessoa do mesmo sexo ou de sexo diferente. Estou orgulhosa e feliz por pertencer a uma Igreja que tem tido esta postura para a igualdade e amor de todos, não importa quem elas amam.”* (Pastora Astrid, 2013).

Em agosto de 2015, tive a oportunidade de conhecer uma pastora, da qual irei me referir pelo nome de Naomi e que foi representante da Igreja da Suécia no Brasil até agosto de 2015, acompanhando os projetos e parcerias que a Igreja da Suécia possui no Brasil e com a IECLB. Ao perguntar sobre como foi esse processo da aceitação do casamento homoafetivo na Igreja da Suécia, ela diz que foi bem longo com mais de 10 anos de discussões na igreja, abordando temas teológicos relacionados ao matrimônio e com palestras públicas com diferentes posições das/dos teólogas/os, algumas/ns a favor, outras/os contra, mas que isso, a temática da homossexualidade, não foi um problema para a igreja:

*“Quando você casa na igreja você também casa no civil, é a mesma coisa. Então, quando o governo decidiu que era a mesma coisa o casamento homossexual ou heterossexual, então a igreja teve que tomar uma decisão. O que vamos fazer? Porque ou a gente perde o direito do casamento porque não aceitamos o casamento homossexual, ou aceitamos o casamento homossexual. Esse foi também o último processo, porque já tínhamos mais de 10 anos a trabalhar o tema da homossexualidade dentro da igreja. E a verdade que a grande maioria da igreja aceita, não acha isso um problema. Nós temos uma bispa que é homossexual, em Estocolmo, casada com uma mulher. Elas têm uma criança e isso não é problema para as pessoas. As pessoas podem gostar dela ou não gostar, mas não tem a ver com a sua orientação sexual. Eu nunca ouvi que elas foram chamadas de, assim, que não podem ser pastoras, não podem ser bispas. Até ela é bem radical em defender os direitos imigrantes, então os grupos mais conservadores da Suécia, que não gostam dos imigrantes, eles criticam muito ela, mas nem eles criticam ela por ser homossexual, criticam ela pela posição política de aceitar os imigrantes.”* (Pastora Naomi, 2015).

De acordo com a pastora, um dos maiores problemas em relação a aceitação da união homoafetiva na Igreja da Suécia foi com relação as igrejas parceiras de outros países. Essas “igrejas irmãs”, como ela se refere, principalmente as igrejas do continente



africano, quase romperam relação com a Igreja da Suécia, pois elas acreditavam que não podiam ser irmãs de uma igreja tão “radical”. Uma jovem sueca, Annika<sup>39</sup>, fala um pouco mais sobre o posicionamento das igrejas parceiras:

*“A Igreja da Suécia tem muitas relações com outras igrejas de todo o mundo, e houve alguns problemas com elas quando decidimos que iríamos casar pessoas do mesmo sexo. Algumas igrejas conservadoras em outros países não quiseram continuar nosso relacionamento quando foi aceito o casamento de pessoas do mesmo sexo. Eu acho que isso é triste, porque mesmo que as outras igrejas não aceitem o casamento de pessoas do mesmo sexo, elas poderiam ainda manter uma relação com a Igreja da Suécia, porque todos nós acreditamos no mesmo Deus. E eu realmente espero que um dia o casamento entre pessoas do mesmo sexo seja aceito na IECLB também.”* (Annika, 2013).

Outra jovem sueca, Freya, quando fala sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo diz que um bom exemplo é o da sua própria comunidade:

*“Se Deus não gosta de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, ele não o teria criado. Um bom exemplo da minha opinião sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo na igreja é uma pastora na minha paróquia. Ela é homossexual e pastora. Sua companheira, uma mulher, é uma pastora também e elas vão se casar neste verão em Uppsala. Duas pastoras mulheres e homossexuais que irão se casar.”* (Freya, 2013).

O que percebo nas falas dessas jovens, e nas demais pessoas com quem conversei sobre a união de pessoas do mesmo sexo na Igreja da Suécia, é que se fala desse assunto com muita naturalidade e que em si, não parece um problema. Inclusive se referem muito a questão do amor, como uma referência muito maior. Pode-se observar esse posicionamento na fala de Stieg (2013), quando diz que: *“o amor é a coisa mais importante para nós como cristãos. Tanto o amor um ao outro e a Deus. Mas Jesus nunca especificou quem nos é permitido ao amor e de que maneira nos é. Tudo o que ele disse foi ‘ame’”*.

Falo para a Pastora Naomi que quando entrevistei algumas pessoas em 2013, percebi que elas/eles tinham um discurso muito forte sobre a questão do amor, colocando que se duas pessoas se amam, quem seriam elas/eles para julgar ou dizer que isso era errado. Ela diz que: *“Esse é o discurso base, que o amor não tem limites... amor é amor”* (Pastora Naomi, 2015). Assim, vejo que essas pessoas, ligadas de alguma forma com a Igreja da Suécia, abordam uma visão sobre a união homoafetiva baseando-se em uma interpretação bíblica de que o amor deve ser aceito independente do sexo das pessoas. Uma abordagem também sobre igualdade e respeito.

---

<sup>39</sup> Annika viveu no Brasil, entre os meses de setembro e novembro de 2012, sendo recebida em minha casa durante o mês de setembro e tendo a oportunidade de conhecer um pouco sobre a IECLB.



E como me diz a pastora Astrid, em frase que utilizo como título desse ponto, pois creio que não conseguiria encontrar uma frase que melhor pudesse dizer sobre a intenção dessa pesquisa... *“Eu não acredito que as coisas que aumentam a quantidade de amor no mundo sejam ruins, eu acredito que é maravilhoso e não deve ser interrompido, mas deve ser apoiada e aceita.”* (Astrid, 2013).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da minha experiência pessoal e das reflexões teóricas apresentadas, concluo que a trajetória de vida e as vivências culturais desempenham um papel fundamental na formação das nossas percepções e interesses acadêmicos. O encontro com diferentes culturas e modos de vida, como o intercâmbio na Suécia, expandiu minha visão de mundo e reforçou meu interesse em temas como homossexualidade, igualdade de gênero e preconceito no contexto religioso. Assim, aponto para a importância do fazer antropológico e do diálogo estabelecido com outras culturas, possibilitando a reflexão da discussão sobre a homossexualidade no contexto religioso (cristão) brasileiro.

A discussão sobre a homossexualidade e o ativismo feminista, impulsionada por experiências pessoais e acadêmicas, destaca a importância de questionar e desconstruir normas sociais e religiosas que restringem a diversidade e impõem modelos rígidos de comportamento. A crítica a esses modelos, inspirada por teóricas como bell hooks, Judith Butler, Adrienne Rich e Donna Haraway, revela a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e compreensiva nas discussões antropológicas e feministas.

A narrativa bíblica e suas interpretações, como observado na Suécia, demonstram como os textos sagrados podem ser reinterpretados para promover a igualdade e a inclusão, desafiando a visão tradicional que frequentemente marginaliza certos grupos. A Igreja Luterana da Suécia serve como um exemplo de instituição religiosa que interpreta a Bíblia de maneira a promover igualdade e respeito, aceitando o casamento homoafetivo como uma expressão legítima de amor. A importância de relatar experiências de vida e contextos culturais distintos é fundamental para uma compreensão mais ampla e empática das questões humanas.

Assim, a pesquisa sobre homossexualidade e igualdade de gênero no contexto religioso é não apenas um estudo acadêmico, mas também uma luta política e um ativismo pessoal. De fato, vivemos em uma sociedade regida por preceitos





heterossexuais, no qual a religião também atua como um agente que normatiza e regula as relações sexuais e afetivas. Assim, as representações e simbologias presentes nesse contexto, se sustentam através de um discurso tido como sagrado. As relações de poder entre homem e mulher no espaço religioso contribuem para a produção e reprodução de sistemas que sacralizam os papéis sexuais, colocando a mulher em situação de inferioridade, como um ser secundário. Essas representações, por vezes, se apresentam através da ideia de “antinatural” para preceitos que fogem a norma heteronormativa. Diante dessa ideia, podemos perceber que a homossexualidade se constitui como “desviante”, é algo a ser evitado e rejeitado. Assim, uma heterossexualidade compulsória também nos é imposta, principalmente sobre a sexualidade das mulheres. Desse modo, as passagens bíblicas são utilizadas como um modelo da sexualidade humana, não que esse seja seu fim, mas suas normas acabam por impor uma regulação, principalmente quando aceitamos um modelo sexual-afetivo, e negamos outras possibilidades.

Quando nos calamos e fechamos os olhos para essa discussão, é preciso refletir o porquê desse posicionamento. É mais cômodo? Não queremos causar conflitos? Não queremos “escândalos”? Por que nos calamos diante de situações que perpassam por esse lugar?

Por fim, esse texto busco trazer reflexões, visibilizar e desconstruir as opressões presentes nas relações sociais e religiosas, promovendo um debate necessário sobre a diversidade e a inclusão dentro das instituições e na sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS

bell hooks. "Mujeres Negras: Dar forma a la teoría feminista". *In: Otras inapropiables*. Madrid: Editorial Traficantes de Sueños, 2004.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o pensamento antropológico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.



COSTA, Cláudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 19, 2002.

DEIFELT, Wanda. Os tortuosos caminhos de Deus: Igreja e homossexualidade. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 39, n. 1, p. 36-48, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: a história da violência nas prisões. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural Brasileira, 1995.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, 1995.

HEILBORN, Maria Luiza. Gênero e hierarquia: A costela de Adão revisitada. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 1, p. 50-82, 1993.

LEÃO, Juraci Andrade de Oliveira. **Escrita, corpo e ação**: a poética e a política de Adrienne Rich. 2007. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da Viagem**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, p. 101-128, 2007.

MUSSKOPF, André S. **Talar Rosa** – Um estudo didático-histórico-sistemático sobre a Ordenação ao Ministério Eclesiástico e o exercício do Ministério Ordenado por Homossexuais. 2004. 200 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2004.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-42, 2000.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, [S.l.], n. 5, 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.



SOUZA, Sandra Duarte de. A casa, as mulheres e a igreja: violência doméstica e cristianismo. *In*: SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles (org.). **A casa, as mulheres e a Igreja: gênero e religião no contexto familiar**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles (org.). **A casa, as mulheres e a Igreja: gênero e religião no contexto familiar**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

SVENSKA KYRKAN. Disponível em:

<https://www.svenskakyrkan.se/churchofsweden/information-about-same-sexmarriages>.

Acesso em: 11 nov. 2015.

**Recebido em:** 01 jul. 2024.

**Aceito em:** 07 ago. 2024.